

Um intelectual e estadista americano dá perspectiva às tensões—e pretensões—dos estudantes radicais descontentes

Esquerda Estudantil—Rebeldes sem Programa

Adaptado de um discurso de
GEORGE F. KENNAN



HÁ UM IDEAL que há muito é básico no processo de aprender, um ideal que é o próprio centro dos nossos estabelecimentos modernos de ensino superior e teve origem, creio, na natureza monástica da universidade medieval. É o ideal que associa o processo de aprender a uma certa distância do cenário contemporâneo—certo isolamento e reclusão, um afastamento e renúncia voluntária à participação na vida contemporânea a bem da elaboração de uma perspectiva melhor dessa vida quando o período de afastamento terminar.

Não conheço mais impressionante ou emocionante descrição desse ideal do que a que fez Woodrow Wilson em 1896, por ocasião do sesquicen-

tenário da Universidade de Princeton. “Tenho concebido no meu pensamento”, disse Wilson, “o centro de ensino perfeito: um lugar onde se ouça a verdade sôbre o passado e se discutam os assuntos do presente, com conhecimento e sem paixão; um lugar igual ao mundo pelo seu interêsse pela vida de todos os homens, um lugar para os homens e tudo o que lhes diz respeito; mas diverso na sua serenidade, na sua maneira direta de falar e no seu cuidado em saber mais do que no momento surge à luz; lento em aceitar a agitação, com o seu ar puro e sadio com um hálito de fé; com todos os olhos dentro dêle brilhantes no dia claro e prontos a voltarem-se para o céu para obterem a confirmação da sua esperança.”

Há uma terrível incongruência entre êsse conceito e o estado de espírito—e procedimento—da esquerda radical que se encontra hoje nas nossas instituições de ensino superior. Em lugar de demora em aceitar a agitação, temos uma disposição para reagir emocionalmente e de maneira imediata a uma grande variedade de questões. Em vez de

serenidade, temos acessos de gritaria e desordens nas ruas. Em vez de uma maneira direta de falar, temos faixas, epítetos, obscenidades e *slogans* virtualmente sem sentido.

Se minha análise é correta, há duas tendências dominantes entre as pessoas que tenho em vista aqui, e superficialmente essas tendências parecem conflitar. De um lado, há um violento espírito militante, cheio de ódio e intolerância e quase sempre perfeitamente preparado para adotar a violência como fonte de mudança. Do outro lado, há delicadeza, passividade, quietismo—não o isolamento objetivo do intelectual, mas uma tentativa de evasão para um mundo inteiramente ilusório e subjetivo.

O que mais me impressiona em relação a êsse violento espírito militante é o extraordinário grau de certeza que o inspira: certeza da própria retidão, das próprias soluções, da iniquidade dos que discordam. Essas convicções parecem particularmente deslocadas nesta época. Nunca houve um tempo em que os problemas da política se comparassem sequer, em sua complexidade, com os que hoje enfrenta a sociedade.

A compreensão dêsses problemas é uma tarefa à qual se poderiam dar anos de disciplinado estudo, da disposição do intelectual para reservar o julgamento enquanto se estão colhendo as provas. Ficamos estarecidos de ver tão compactas certezas já presentes no espírito de pessoas que não só *não estudaram muito*, mas

GEORGE F. KENNAN, ex-embaixador na União Soviética e na Iugoslávia, faz parte do Instituto de Estudos Avançados de Princeton, Nova Jersey. O discurso do qual foi adaptado o presente artigo foi proferido no Colégio Swarthmore, na Pensilvânia. Foi publicado no *Times Magazine* de Nova York e em *Democracy and the Student Left* (Democracia e a Esquerda Estudantil), © 1968 de George F. Kennan, e publicado por Atlantic, Little, Brown & Co., e em brochura por Bantam Books.

provavelmente *não estão* estudando muito, pois é difícil imaginar que as atividades dessa parte agitada da população estudantil sejam compatíveis com estudos frutíferos.

Transigências Destruidoras? Não quero dizer que os estudantes não devam interessar-se, não devam ter opiniões, não devam manifestar as suas dúvidas a respeito da política nacional. Alguns de nós que somos mais velhos partilhamos de muitas dessas dúvidas, de muitos dêsses impulsos. Alguns de nós não estamos mais satisfeitos do que êles com muitas das coisas que estão acontecendo. Mas reconhecemos também não só a possibilidade de estarmos errados, mas também a virtual certeza de que em algumas ocasiões não podemos deixar de estar. O fato de ser assim não nos exime do dever de ter opiniões e de externá-las. Mas nos torna, isso sim, incapazes para nos abandonarmos a transportes de indignação moral contra aquêles que têm opinião diversa da nossa.

Eu sei muito bem que as inibições dessa espécie por parte de nós, que somos pessoas mais velhas, seriam atribuídas por muitos elementos da esquerda estudantil a uma corrupção completa da nossa integridade moral. A vida, argumentariam êles, obrigou-nos a transigir. E essas transigências destruíram a nossa utilidade. Não somos mais capazes de olhar firmemente para a forte e clara luz da verdade.

Nisso, como na maior parte das censuras com que nos inundam nos

filhos, há sem dúvida um elemento de justificação. Há um ponto no caminho da maioria das nossas vidas adultas em que reconhecidamente o entusiasmo esmorece, o idealismo se modera e as responsabilidades e até a afeição pelos outros nos obrigam a dar mais atenção às exigências mundanas da nossa vida privada. Há um ponto em que somos até obrigados a colocar as necessidades dos filhos acima dos ditames de um idealismo combativo e a dedicar-nos ao sustento e criação dêsses mesmos filhos—a fim de que em algum tempo futuro êles possam ter o privilégio de se voltarem contra nós e nos desprezarem pela timidez materialista que lhes tornou possível o amadurecimento.

Mas não posso inundar-me a mim e aos outros com censuras. Tenho visto mais danos causados neste mundo pelos que tentaram tomar de assalto os baluartes da sociedade em nome de crenças utópicas, mas que estavam decididos a conseguir a eliminação de todo o mal e a realização do milênio dentro de sua própria época, do que por todos os esforços humildes dos que tentaram criar um pouco de ordem, cortesia e afeição dentro do seu círculo íntimo. Pode dizer-se que o êxito de uma sociedade, como a caridade, começa em casa.

A Cadeia de Ouro. O que aí está basta para os violentos. Uma palavra agora sôbre inativos: os hippies, os filhos das flôres.

O meu sentimento por essas pessoas é de piedade. Vejo-as como vítimas de certos grandes e destruido-

res erros filosóficos. Um desses erros—que incide particularmente sobre os que tomam drogas—é a crença de que o ser humano tem dentro de si recursos maravilhosos que podem ser liberados e postos à sua disposição pela simples submissão passiva a certas espécies de estímulos, deixando impressões estéticas de uma espécie ou de outra rolar sobre ele ou deixando o equilíbrio psíquico ser desorientado por agentes químicos que lhe dão a impressão de experimentar coisas portentosas.

Mas é só graças ao esforço, fazendo coisas, por meio de ação—e nunca por meio da passividade—que o homem se desenvolve criativamente. É só pela vontade e pelo esforço que ele se torna plenamente consciente do seu espírito criador e é capaz de comunicá-lo aos outros. Não há atitude mais fraudulenta—e os estudantes fariam bem em lembrar-se disso quando olharem uns para os outros—do que a do indivíduo que julga ter sido exaltado e tornado mais impressionante por alguma espécie de voz íntima que ele é incapaz de descrever ou representar.

Essa atitude é particularmente fraudulenta quando o meio que a pessoa escolheu para se tornar suscetível a essa pretensa revelação é a deliberada desorientação do seu sistema psíquico. Pode dizer-se com segurança que qualquer intervenção artificial no equilíbrio infinitamente delicado que a natureza criou na constituição psíquica do homem efetua-se à custa das verdadeiras facul-

dades criadoras e enfraquece em vez de fortalecer.

O segundo erro que vejo na opinião dessa gente é a crença numa liberdade pessoal total. Estão, neste caso, julgando erradamente a natureza íntima da condição humana. Não há nem pode haver liberdade total. As necessidades e fragilidades normais do organismo, para não falar nas exigências elementares da própria alma, impediriam essa liberdade se nada mais a impedisse. A liberdade só começa com a humilde aceitação da participação numa ordem natural das coisas e só se desenvolve pela luta, pela disciplina pessoal e pela fé.

Há no cultivo de uma liberdade absoluta pelos hippies e, principalmente, na própria autodestruição pela qual a mesma freqüentemente se expressa, um egoísmo, uma dureza de coração, uma insensibilidade, uma irresponsabilidade, uma indiferença aos sentimentos alheios que constitui a sua própria condenação. Ninguém jamais se destrói apenas a si mesmo. É tal a rede de intimidade em que cada um de nós está de algum modo envolvido, que quem destrói a si mesmo destrói também, de certo modo, a outros. Muitas dessas pessoas costumam falar do princípio do amor, mas desmentem com o seu procedimento esse princípio. Só a crueldade para com os pais, implícita em muito desse procedimento, destrói a mais pura e mais criadora forma de amor que existe neste estado mortal. Essas pessoas quebram

a cadeia de ouro de afeto que liga as gerações e dá continuidade e sentido à vida.

Semelhança Desconcertante. Êsses dois grupos de pessoas apresentam ainda um problema quanto à qualidade da sua vida como cidadãos. Uma coisa todos parecem ter em comum—os coléricos e os calados—e é uma completa rejeição do sistema político do seu país ou indiferença pelo mesmo. Afirmo que, quando se considera um sistema inadequado, não basta demonstrar indignação e cólera pelo desafio em massa da autoridade constituída. Parece-me que se tem a obrigação de dizer de que maneira êsse sistema político deve ser modificado ou o que deve ser colocado em lugar dêle para assegurar que o seu funcionamento corresponda melhor às necessidades e aos sentimentos do povo.

Se a esquerda estudantil tivesse propostas para a adaptação construtiva dêsse sistema político às necessidades do nosso tempo, e se a sua agitação tomasse a forma de argumentação e discussão lógica, muitos de nós poderíamos olhar com respeito os seus protestos. Mas quando se nos apresenta, como único argumento para a mudança, o fato de que certo número de pessoas se mostram raivosas e exaltadas, nós, da minha geração, só podemos reconhecer que tal procedimento mostra uma semelhança desconcertante com as origens do totalitarismo. Não nos cabe outro recurso senão unir-nos em defesa de uma autoridade pú-

blica de quem podemos discordar, mas que é a única de que dispomos e que não podemos concebivelmente dispensar.

Não pretendo menosprezar a intensidade de sentimento que domina essa esquerda estudantil. Na América estamos numa era da vida nacional mais séria, mais ameaçadora, mais crucial do que qualquer que já experimentei. Não pretendo ainda implicar que pessoas como eu possam olhar êsse descontentamento do alto de algum confortável isolamento olímpico. Nenhum de nós pode ter qualquer justificação para entrar em comunicação com essas pessoas, se não reconhecer, juntamente com a justificação da infelicidade das mesmas, a sua responsabilidade própria na criação dela, e não acompanhar o seu apêlo a essa gente com a afirmação da sua disposição de juntar-se a ela no esforço para a procura de soluções melhores.

Sei que por trás de todos os extremismos—de todos os erros filosóficos, de todos os egocentrismos e de tôdas as excentricidades de vestuário e comportamento—temos diante de nós neste caso uma gente perturbada e muitas vêzes pateticamente comovente, que age, por mais prudente ou imprudentemente que o faça, por sinceridade e idealismo, pela recusa de aceitar uma vida sem sentido e uma sociedade sem objetivo. Como seria admirável se nós e êles—a experiência de um lado, a energia e o entusiasmo do outro—pudéssemos unir fôrças.